

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA-AJES
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

8,5

O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO NO DESENVOLVIMENTO DA METODOLOGIA
DA ALTERNÂNCIA NA ESCOLA DO CAMPO

MARIA DAS DORES NUNES

lucienemarinheiro_aripuana@hotmail.com

ORIENTADOR: PROF. ILSO FERNANDES DO CARMO

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA-AJES
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO NO DESENVOLVIMENTO DA METODOLOGIA
DA ALTERNÂNCIA NA ESCOLA DO CAMPO

MARIA DAS DORES NUNES

ORIENTADOR: PROF. ILSO FERNANDES DO CARMO

*“Trabalho apresentado como
exigência parcial para a
obtenção do Título de
Especialização em
Psicopedagogia.”*

ARIPUANÃ/2015

RESUMO

No processo de construção da Educação do Campo no Brasil, as Escolas do Campo tem um papel fundamental. A partir das lutas dos povos do campo e de outros povos, entidades, instituições e movimentos comprometidos com uma educação transformadora foi possível dar vários passos e ter algumas conquistas, tanto legais quanto políticas e pedagógicas. A Pedagogia da Alternância, enquanto proposta educacional enfrenta desafios para garantir que os jovens do campo curse os diferentes níveis e modalidades de ensino, uma vez que ela tem por objetivo assegurar a formação humana desses sujeitos e o desenvolvimento do campo com sustentabilidade. A escolha do tema que norteou nossa pesquisa se deu pelo fato da pesquisadora estar atuando numa escola do campo que tem como metodologia o regime de dias alternados e diante das dificuldades encontradas no dia-a-dia, pretendeu-se aprofundar no tema da Pedagogia da Alternância a fim de nortear as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola palco de nossa pesquisa. Diante deste contexto, esta pesquisa visa debater a relevância da Pedagogia da Alternância no processo educativo e na consolidação da educação no/do campo. Os estudos agrupados neste texto visa conhecer e analisar o regime de alternância adotado pela Escola Municipal Deoclides de Macedo no Município de Aripuanã a fim de identificar as contribuições do psicopedagogo no desenvolvimento das práticas pedagógicas no sistema de alternância. Para a realização desta pesquisa foi adotado como Metodologia a Pesquisa Bibliográfica a fim de conhecer as teorias existentes e, Pesquisa de Campo para entender como se dá o Regime e dias alternados e se este se enquadra na Pedagogia da Alternância.

Palavras-chave: Psicopedagogo. Educação do campo. Pedagogia da alternância.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	04
CAPÍTULO I	
AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA PARA A EDUCAÇÃO.....	06
1.1 Intervenção do Psicopedagogo no processo educacional.....	10
CAPÍTULO II	
MARCOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	13
2.1 A busca pela efetivação da Pedagogia do Campo.....	15
2.2 A Educação do Campo e a Pedagogia da Alternância.....	18
CAPÍTULO III	
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	22
3.1 Técnicas para coleta de dados.....	22
CAPÍTULO IV	
A EDUCAÇÃO DO CAMPO NA LOCALIDADE MILAGROSA.....	24
4.1 A Escola Municipal Deoclides de Macedo.....	24
4.2 A Pedagogia da Alternância na Escola Municipal Deoclides de Macedo.....	25
4.3 Diário de bordo: Observação da rotina escolar.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS	33

INTRODUÇÃO

A vida no campo também ensina. Esse é o preceito básico da Pedagogia de Alternância, proposta usada em áreas rurais para mesclar períodos em regime de internato na escola com outros em casa. Por 30 anos, a receita foi aplicada no Brasil por associações comunitárias sem o reconhecimento oficial. Agora, o Ministério da Educação (MEC) não apenas aceitou a Alternância como também quer vê-la ainda mais disseminada.

A Pedagogia da Alternância é uma proposta diferenciada e alternativa que se constitui no universo pedagógico como sendo uma pedagogia da resistência cultural em relação à forte hegemonia neoliberal presente na educação brasileira, principalmente, a partir da década de 90 em diante. Alternância significa o processo de ensino-aprendizagem que acontece em espaços e territórios diferenciados e alternados. O primeiro é o espaço familiar e a comunidade de origem (realidade); em segundo, a escola onde o educando/a partilha os diversos saberes que possui com os outros atores/as e reflete-se sobre eles em bases científicas (reflexão); e, por fim, retorna-se a família e a comunidade a fim de continuar a práxis (prática + teoria) seja na comunidade, na propriedade (atividades de técnicas agrícolas) ou na inserção em determinados movimentos sociais. A Pedagogia da Alternância baseia-se num método científico.

A metodologia foi criada por camponeses da França em 1935. A intenção era evitar que os filhos gastassem a maior parte do dia no caminho de ida e volta para a escola ou que tivessem de ser enviados de vez para morar em centros urbanos. No Brasil, a iniciativa chegou com uma missão jesuíta, no Espírito Santo, em 1969. Logo se espalhou por 20 estados, em áreas onde o transporte escolar é difícil e a maioria dos pais trabalha no campo. Os alunos têm as disciplinas regulares do currículo do Ensino Fundamental e do Médio, além de outras voltadas à agropecuária. Quando retornam para casa, devem desenvolver projetos e aplicar as técnicas que aprenderam em hortas, pomares e criações.

A Pedagogia da Alternância, enquanto proposta educacional, enfrenta desafios para garantir que os jovens do campo cursem os diferentes níveis e modalidades de ensino, uma vez que ela tem por objetivo assegurar a formação humana desses sujeitos e o desenvolvimento do campo com sustentabilidade.

A Pedagogia da Alternância vem sendo usada na formação de jovens e adultos do campo, visto ser esta uma proposta pedagógica e metodológica capaz de atender as necessidades da articulação entre escolarização e trabalho, propiciando a esses indivíduos o acesso à escola sem que tenham que deixar de trabalhar.

Assumindo o trabalho como princípio educativo, a Pedagogia da Alternância permite aos jovens do campo a possibilidade de continuar os estudos e de ter acesso aos conhecimentos científicos e tecnológicos não como algo dado por outrem, mas como conhecimentos conquistados e construídos a partir da problematização de sua realidade, que passa pela pesquisa, pelo olhar distanciado do pesquisador sobre o seu cotidiano.

Diante deste contexto esta pesquisa visa conhecer e analisar o regime de alternância adotado pela Escola Municipal Deoclides de Macedo no Município de Aripuanã a fim de identificar as contribuições do psicopedagogo no desenvolvimento das práticas pedagógicas no sistema de alternância.

O primeiro capítulo aborda as contribuições da Psicopedagogia para a educação e as intervenções do psicopedagogo no processo educacional.

Os marcos históricos da educação do campo, a busca pela efetivação da pedagogia do campo e a pedagogia da alternância compõem o segundo capítulo.

Os caminhos da pesquisa, as técnicas de coleta de dados são descritas no terceiro capítulo.

No quarto capítulo é delineada a Escola Municipal Deoclides de Macedo e a pedagogia da alternância adotada pela escola.

A análise dos dados nos possibilitou compreender como é desenvolvido as praticas pedagógicas na Escola Deoclides de Macedo, bem como traçar um paralelo entre a pedagogia da alternância adotada no Brasil e o regime alternado adotado pela referida escola.

CAPÍTULO I

AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA PARA A EDUCAÇÃO

Na vida cotidiana, constantemente se é bombardeado por uma imensa quantidade de informações, novas tecnologias, descobertas nas diversas áreas, inovações que contribuem e afetam a vida de milhares de pessoas. Muitas vezes não se tem tempo de analisar e refletir sobre todos esses acontecimentos. Mas, na educação se faz necessário essa reflexão, pois, todas essas novidades, teorias e concepções influenciam a vida escolar.

Na educação, analisar e refletir são de suma importância, pois se está trabalhando com seres humanos, que sentem, desejam, aprendem, vêm de lugares e possuem histórias de vida e bagagem cultural, socioeconômica diferente uns dos outros. Refletir é colocar o pensamento diante de si mesmo, tal qual uma pessoa diante do seu espelho. O ato de reflexão leva aos detalhes do próprio pensamento aos porquês que permitem reconhecê-lo como seu efetivamente e, finalmente, dizer se combina com o seu pensar ou se é simplesmente repetidor de discursos e teorias sobre as quais não se tem domínio e certeza.

Não ser repetidor de teorias e sim construtor do seu próprio conhecimento e ser mediador na construção de um novo conhecimento por parte dos alunos, é o que faz com que os educadores estejam preparados para a prática pedagógica. Nessas mudanças constantes que o mundo vem passando, a escola e os alunos não ficaram para trás. Para LIBÂNEO, a escola é:

aquela que assegura a todos a formação cultural e científica para a vida pessoal, profissional e cidadã, possibilitando uma relação autônoma, crítica e construtiva com a cultura em suas várias manifestações: a cultura promovida pela ciência, pela técnica, pela estética, pela ética, bem como a cultura paralela (meios de comunicação) e pela cultura cotidiana. (1990; p. 07)

Logo, a escola necessita estar conectada com as ciências e a tecnologia, com tudo isso que vem acontecendo diariamente. Mas, sabe-se que não é isso que acontece em muitas escolas. Algumas ainda são repetidoras de ideologias, não respeitam a individualidade e o ritmo dos alunos, ainda não perceberam que as turmas não são homogêneas e que os educadores não são os donos do saber e sim mediadores da aprendizagem, da construção de conhecimento. De acordo com FREIRE:

... nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é aprendido na sua razão de ser, é, aprendido pelos educandos. (1996, p.23)

Assim, a forma de trabalho do educador influencia na aprendizagem, em que o mesmo deve oportunizar aulas significativas, interessantes, incorporando as tecnologias existentes como ferramentas e instrumentos para favorecer o ensino aprendizagem. Utilizar-se das novidades e informações trazidas pelos alunos para modificar e contribuir com o tema e os conteúdos, proporcionam aulas mais dinâmicas e interligadas com a realidade, despertando o interesse em aprender e coletar novidades, para o cotidiano escolar. Propostas elaboradas dessa forma só favorecem as práticas dos educadores. Dessa forma, o professor estará colaborando para que seus alunos possam resolver e até mesmo solucionar problemas do presente e do futuro.

Sabe-se que nem sempre é dessa forma que acontece o ensino nas instituições escolares, que se tornam para muitos alunos um local em que seus medos, angústias, problemas e dificuldades de aprendizagem se manifestam. Surge nesse cenário a Psicopedagogia que tem:

Por objetivo compreender, estudar e pesquisar a aprendizagem nos aspectos relacionados com o desenvolvimento e ou problemas de aprendizagem. A aprendizagem é entendida aqui como decorrente de uma construção, de um processo o qual implica em questionamentos, hipóteses, reformulações, enfim, implica um dinamismo. A psicopedagogia tem como meta compreender a complexidade dos múltiplos fatores envolvidos neste processo. (RUBENSTEIN, *apud* FERMINO, 1996 p. 127).

Portanto, a psicopedagogia vem colaborar com todos aqueles que têm dificuldades de aprendizagem, que reprovam, que não conseguem acompanhar os seus colegas e que muitas vezes são “deixados” para trás no processo de aprendizagem. A insatisfação e a inquietação dos profissionais que trabalham com as dificuldades de aprendizagem fizeram com que surgisse a psicopedagogia, permitindo que diversas áreas do conhecimento como Psicologia Cognitiva, Psicanálise, Sociologia, Linguística, Antropologia, Filosofia, entre outros viessem a colaborar com esses alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem. RUBINSTEIN, *apud* FERMINO, coloca que:

o psicopedagogo é como um detetive que busca pistas, procurando selecioná-las, pois algumas podem ser falsas, outras irrelevantes, mas a sua meta fundamentalmente é investigar todo o processo de aprendizagem levando em consideração a totalidade dos fatores nele envolvidos, para,

valendo-se desta investigação, entender a construção da dificuldade de aprendizagem. (1996, p.128).

É nessa investigação que o psicopedagogo necessita estar livre de qualquer influência prévia e (pré)-conceito, estar livre de qualquer sentimento, olhar e principalmente saber selecionar tudo o que ouve e enxerga para poder intervir, colaborar, elaborar planos de trabalho com os envolvidos no processo educativo. A não aprendizagem na escola é uma das causas do fracasso escolar, a psicopedagogia atua no estudo do processo de aprendizagem, diagnóstico e tratamento de seus obstáculos. O psicopedagogo torna-se responsável por detectar e tratar possíveis empecilhos no processo de aprendizagem em instituições ou clínicas. A psicopedagogia na instituição escolar surgiu:

...como uma necessidade de compreender os problemas de aprendizagem, refletindo sobre as questões relacionadas ao desenvolvimento cognitivo, psicomotor e afetivo, implícitas nas situações de aprendizagem. (FAGALI, 2008, p.9).

Nessa visão psicopedagógica, o aluno é visto de forma global, o seu cognitivo, o motor (movimento, psicomotricidade) e o lado afetivo são trabalhados e analisados. Na instituição escolar, o trabalho psicopedagógico possui duas naturezas: A primeira diz respeito a uma psicopedagogia curativa voltada para grupos de alunos que apresentam dificuldades na escola... O seu objetivo é reintegrar e readaptar o aluno à situação de sala de aula, possibilitando o respeito às suas necessidades e ritmos. O segundo tipo de trabalho refere-se à assessoria junto dos pedagogos, orientadores e professores. Tem como objetivo trabalhar as questões pertinentes *“as relações vinculares professor-aluno é redefinir os procedimentos pedagógicos integrando o afetivo e cognitivo, através da aprendizagem dos conceitos, nas diferentes áreas do conhecimento.”* (FAGALI, 2008, p.9-10).

Sabe-se por meio dos estudos de FERNANDES; CERIOLI; CALDART (2005), que os desejos tanto do ensinante quanto do aprendente influenciam na aprendizagem, dessa forma poder trabalhar com os alunos e os professores, poder perceber que os laços que os unem ou os afastam, seus métodos, metodologias e o não aprender do aluno e o não conseguir ensinar por parte do professor são objetos de trabalho do psicopedagogo tanto no trabalho curativo como na assessoria. O psicopedagogo intervindo na escola, de acordo com MONEREO (2000), pode conseguir com que a escola consiga potencializar ao máximo a capacidade de

ensinar dos professores e a de aprender dos alunos, possibilitando que o envolvimento de todos seja favorável para a aprendizagem.

O psicopedagogo, segundo FERNANDES; CERIOLI; CALDART (2005), também favorece e auxilia aqueles indivíduos que se sentem impedidos para o saber, auxilia indivíduos com transtornos de aprendizagem, reintegra o sujeito da aprendizagem a uma vida escolar e social tranquila, bem como a uma relação mais afetiva consigo e com o outro, leva o indivíduo ao reconhecimento de suas potencialidades; auxilia o indivíduo no reconhecimento dos limites e como interagir diante deles e a (re) significar conceitos que influenciam o indivíduo no movimento do aprender.

Oferecer instrumentos de compreensão da situação de não aprendizagem de cada aluno em particular, levantar dados referentes ao contexto de ensino-aprendizagem da escola, desenvolver ações com toda a comunidade escolar, identificando as principais barreiras à aprendizagem e à busca de como superá-las é, segundo MONEREO (2000), função do psicopedagogo.

Logo, a psicopedagogia precisa estar livre de qualquer interferência externa para poder realizar o seu trabalho de forma clara, sem conceitos pré-estabelecidos, poder olhar sem a influência de outros olhares que muitas vezes querem e desejam esconder algo de si mesmo e dos outros procurando muitas vezes se isentar de suas responsabilidades. WEIS, reforça que:

Todo diagnóstico psicopedagógico é, em si, uma investigação, é uma pesquisa do que não vai bem com o sujeito em relação a uma conduta esperada. Será, portanto, o esclarecimento de uma queixa, do próprio sujeito, da família e, na maioria das vezes, da escola. No caso, trata-se do não-aprender, do aprender com dificuldade ou lentamente, do não revelar o que aprendeu, do fugir de situações de possíveis aprendizagens.(1999, p.27)

Dessa forma, fica visível que muitos dos envolvidos no processo educativo preferem muitas vezes ocultar os verdadeiros problemas de aprendizagem que podem ou não estar neles, mas também podem estar nas mais diversas maneiras e formas de ensinar. Portanto, o psicopedagogo institucional atua na instituição escolar juntamente aos aprendentes, os ensinantes e com os demais atores desse processo que é tão complexo para alguns e tão fácil para outros. Mas, que ganha com a atuação do psicopedagogo um forte aliado para melhorar, colaborar, amenizar e proporcionar a solução dos problemas e dificuldades encontradas pelos

alunos e tornar de alguma forma a educação significativa e prazerosa para eles também.

1.1 INTERVENÇÕES DO PSICOPEDAGOGO NO PROCESSO EDUCACIONAL

Sabemos que o homem aprende desde o nascimento, em todas as situações de vida, uma vez que a aprendizagem é um processo contínuo e natural, não necessitando de um local específico para acontecer. Nesse sentido, a psicopedagogia segundo SILVA (2000), pode e deve estar presente nas diferentes áreas de atuação humana, como por exemplo, escolas, empresas, hospitais, creches, uma vez que o objeto de estudo é o indivíduo no centro de todas as relações construídas nos diferentes grupos aos quais pertence.

A psicopedagogia tem como finalidade compreender o processo de ensino-aprendizagem, assim como a preocupação de tentar resolver as eventuais dificuldades envolvidas nesse processo, nos diferentes contextos sociais. (SILVA, 2000, p. 44)

A escola segundo LIBÂNEO (1990), é responsável por grande parte da aprendizagem do indivíduo, cumprindo a importante função de socializar os conhecimentos disponíveis, promover o desenvolvimento cognitivo e a construção de regras de conduta, dentro de um projeto social mais amplo. É devido à importância dessa instituição para a sociedade que propomos uma reflexão sobre o trabalho do psicopedagogo a partir da instituição escolar.

A escola, além de uma instituição de ensino, é também um local de trabalho, com necessidades diferenciadas. Dessa forma, para que o psicopedagogo faça uma intervenção que venha ao encontro da demanda de cada instituição, segundo LIBÂNEO (1990), é preciso que faça uma profunda observação na dinâmica e na organização da escola, levando em consideração sua realidade e o momento que está sendo vivido.

A Intervenção do Psicopedagogo, segundo MONEREO (2000), deve acontecer quando há dificuldades no aprendizado da criança, ajudar o professor em sua prática pedagógica analisando com uma visão Psicopedagógica, em dar uma alternativa ou solucionar o problema, através do Diagnóstico, utilizando - se de referencial teórico, buscar apoio em várias áreas do conhecimento como: A Pedagogia, a Linguística, a Neurologia e a Psicologia, analisar o contexto escolar,

familiar no aspecto afetivo, cognitivo e biológico, possibilitando a solução. Ajudar a família para superar as dificuldades encontrada em relação à convivência e apoio a criança em relação às dificuldades de aprendizagem.

Essa intervenção deve ser realizada de forma para ampliar a compreensão sobre as características e necessidades de aprendizagem deste indivíduo.

O Psicopedagogo procura em sua ação mobilizar o indivíduo, considerando que os processos cognitivos como os de atenção, percepção e memória são determinados pelas condições de maturação neuropsíquica orientados pela emoção e pelo afeto, pois os sentimentos de prazer e sucesso são determinantes da aprendizagem. Consideram-se estas características como parte integrante de um processo de desenvolvimento único para cada indivíduo, embora influenciado pelo meio familiar, social e cultural. (FERNANDES; CERIOLI; CALDART, 2005, p.25).

O Psicopedagogo juntamente com o professor e a família deverá, segundo WEISS (1999), trabalhar em conjunto nesse processo, solicitando ajuda de outros profissionais como: assistente social, médicos, psicólogos e outros dependendo do caso. O Diagnóstico deve ser feito através de entrevista com o aluno, família e a escola, observações de como está sendo realizado o trabalho pedagógico, e como é a relação da família e do professor com a criança e vice-versa. O Psicopedagogo poderá trocar informações com o professor (a) que tem um contato diário com o aluno para maior compreensão do caso e para melhor ajudar no diagnóstico e tratamento do caso.

O trabalho na instituição escolar poderá ajudar melhor na forma de elaborar plano de aula, projetos, auxiliar a direção da escola para que os profissionais da instituição possam ter um bom relacionamento entre si, conversar com a criança ou adolescente quando este precisar de orientação. O Psicopedagogo, segundo MONEREO (2000), deve escutar e estar preparado para lidar com possíveis resistências, bloqueios, sentimentos, lapsos e outros. E não parar de buscar, o conhecimento, de estudar, para compreender de forma completa estas crianças e adolescentes criticadas por não corresponderem as expectativas dos pais e dos professores.

O Psicopedagogo, segundo FERMINO (1996), deve ser o investigador do processo de aprendizagem de seus alunos, evitando que o problema de aprendizagem leve ao fracasso escolar. O mesmo atribui um valor especial aos aspectos emocionais, na medida em que considera os mesmos como fonte energética da aprendizagem, o seu campo de ação abrange o campo educacional,

que ao contrario do Psicólogo que se dedica ao diagnóstico, tratamento e prevenção dos problemas emocionais.

O trabalho psicopedagógico, segundo WEISS (1999), tem função social que pode e deve ser pensado na instituição escolar, na qual cumpre um importante papel de socializar os conhecimentos disponíveis, promover o desenvolvimento cognitivo e a construção de regras de conduta dentro de um projeto social mais amplo. A escola, afinal, é responsável por grande parte da aprendizagem do ser humano. A atividade da escola está determinada pelo aspecto interacional. O Psicopedagogo pode, então, ser visto fazendo parte de uma equipe interdisciplinar que é o campo de discussão da problemática docente, discente e administrativa. Tendo bem conceitualizado como se processa a respeito de diversos aspectos do processo de ensino-aprendizagem e como evolui o pensamento cognitivo. O Psicopedagogo é o profissional indicado para assessorar e esclarecer a escola, como se dá o processo de ensino aprendizagem e na busca de alternativas para os alunos superarem suas dificuldades.

O Psicopedagogo trabalha com os sentimentos, conhecimentos e habilidades individuais ou grupais com vistas à ação pedagógica indicada, atribuindo um valor especial aos aspectos emocionais, na medida em que considera os mesmos como fonte energética da aprendizagem, mas seu campo de ação abrange apenas o campo educacional. Como já citamos anteriormente o Psicopedagogo é o profissional que trata dos problemas da educação, ou melhor, dizendo, ele trabalha na fonte da razão, onde há muitos envolvidos, que começa desde a dificuldade de aprendizagem do individuo, a família, o desempenho dos pedagogos (professor regente da sala), e até mesmo os gestores se for necessário. Este profissional precisa saber perceber o fenômeno da “aprendizagem” de forma ampla e que sejam sensíveis para captar e considerar as relações significativas que o aluno busca no meio em que estão inseridos, suas necessidades para sua auto realização.

CAPÍTULO II

MARCOS HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

O direito à educação no Brasil derivou-se das lutas e conquistas democráticas ao longo dos últimos anos. Porém, tanto quanto um direito, a educação é um dever – dever do Estado, e, como tal, emergem obrigações que devem ser respeitadas e protegidas, inclusive por meio de lei. Valendo-nos dessas ideias é que trazemos a reflexão da educação como um bem público e de direito reconhecido, e, por isso, ela precisa ser garantida.

Abordaremos a educação dos povos do campo como um direito do cidadão e dever do Estado. ARROYO, *apud* SOUZA (2006, p. 9), apresenta a seguinte ideia: *“de esquecida e marginalizada, à repensada e desafiante. Essa poderia ser a travessia que vem fazendo a educação dos povos do campo. Um percurso instigante para a pesquisa e a reflexão teórica, para políticas públicas e a ação educativa.”*

Historicamente, podemos constatar que, até as primeiras décadas do século XX, segundo CALDART (2004), a educação era privilégio de poucos, principalmente no espaço rural, onde o Estado brasileiro não mostrou empenho na implementação de um sistema educacional que viesse ao encontro das necessidades dos sujeitos do campo. O Estado, em suas formulações de diretrizes políticas e pedagógicas, nunca deixou regulamentado como a escola do campo deveria funcionar e se organizar; omitiu-se na dotação financeira que possibilitasse a institucionalização e a manutenção de uma escola de qualidade em todos os níveis de ensino, além de não implantar uma política efetiva de formação continuada e de valorização de carreira do professor do campo. Isso mostra que o campo nunca foi um espaço prioritário para ação planejada e institucionalizada do Estado. Tal situação fez com que a população do campo fosse privada do acesso às políticas e serviços públicos em geral, o que contribuiu para o aceleração do processo de êxodo rural. A partir dos anos 90, esse quadro começa a dar sinais de mudança, pois os movimentos sociais começam a pressionar de forma mais articulada a construção de políticas públicas para a população do campo.

Atualmente, a legislação educacional brasileira apresenta uma vasta base legal para a instituição de políticas públicas diferenciadas ao atendimento escolar

das pessoas que vivem e trabalham no meio rural, conquistadas com a participação efetiva dos movimentos sociais do campo.

Embora o Brasil sendo um país de origem eminentemente agrária, segundo MACHADO; FERNANDES; OLIVEIRA (2014), a educação do campo não foi sequer mencionada nos textos constitucionais até 1891, evidenciando o descaso dos dirigentes e as matrizes culturais centradas no trabalho escravo, na concentração fundiária, no controle do poder político pela oligarquia e nos modelos de cultura letrada europeia “urbanocêntrica”.

A visão urbanocêntrica, na qual o campo é encarado como lugar de atraso, meio secundário e provisório, vem direcionando as políticas públicas de educação do Estado brasileiro. Pensadas para suprir as demandas das cidades e das classes dominantes, geralmente instaladas nas áreas urbanas, essas políticas têm se baseado em conceitos pedagógicos que colocam a educação do campo prioritariamente a serviço do desenvolvimento urbano-industrial. (MACHADO; FERNANDES; OLIVEIRA 2014, p. 27)

Esse panorama condicionou a história da educação escolar brasileira e deixou como herança um quadro de precariedade no funcionamento da escola do campo: em relação aos elementos humanos disponíveis para o trabalho pedagógico, a infraestrutura e os espaços físicos inadequados, as escolas mal distribuídas geograficamente, a falta de condições de trabalho, salários defasados, ausência de formação inicial e continuada adequada ao exercício docente no campo e uma organização curricular descontextualizada da vida dos povos do campo.

A educação do campo como um direito fundamental e uma responsabilidade social, que todos devem assumir, tem na escola básica, pública e gratuita o espaço privilegiado para a aquisição de conhecimentos fundamentais ao exercício da cidadania. Assim, o direito à cidadania não pode estar desvinculado das questões educativas, como acesso aos bens culturais adequados à construção da dignidade humana.

Para MACHADO; FERNANDES; OLIVEIRA (2014), a intencionalidade de um projeto de formação de sujeitos que percebam criticamente as escolhas e premissas socialmente aceitas, e que sejam capazes de formular alternativas de um projeto político, atribui à escola do campo uma importante contribuição no processo mais amplo de transformação social. Segundo os Autores:

Ela se coloca o desafio de conceber e desenvolver uma formação contra-hegemônica, ou seja, de formular e executar um projeto de educação integrado a um projeto político de transformação social liderado pela classe trabalhadora, o que exige a formação integral dos trabalhadores do campo, no sentido de promover simultaneamente a transformação do mundo e a autotransformação humana. ((MACHADO; FERNANDES; OLIVEIRA 2014, 2014, p. 27)

Por isso, a escola do campo, segundo MOLINA & SÁ (2011), como parte de um projeto maior da classe trabalhadora, se propõe a construir uma prática educativa que efetivamente fortaleça os camponeses para as lutas principais, no bojo da constituição histórica dos movimentos de resistência à expansão capitalista em seus territórios. (*apud* MACHADO; FERNANDES; OLIVEIRA 2014).

O fato da Educação do Campo ser protagonizada pelos movimentos sociais, segundo MACHADO; FERNANDES; OLIVEIRA (2014), traz numerosas questões no que diz respeito à execução das práticas educativas que ocorrem sob esta denominação. Quando há, de fato, a presença e a participação desses movimentos nos processos escolares e nos diferentes níveis de ensino, interrogações se impõem a práticas que, tradicionalmente, se desenvolviam pelas escolas, pelos educadores e pelas universidades.

A presença dos sujeitos coletivos vindos do campo desnaturalizam os processos educativos que, tradicionalmente, se apartavam da vida. Os movimentos sociais do campo, ao disputarem os espaços de escolarização, sejam eles no nível da educação

Portanto, se falamos hoje em Educação do Campo, em leis específicas para as escolas do campo, é porque essas coisas foram construídas por meio de muito esforço dos trabalhadores. Sem dúvida, ainda não temos a escola e a educação que queremos, mas muitos passos estão sendo dados.

2.1 A BUSCA PELA EFETIVAÇÃO DA PEDAGOGIA DO CAMPO

A educação é o instrumento de formação do ser humano desde o momento em que ele vem ao mundo. Por meio da educação, o ser humano capacita-se a desenvolver sua cultura, ser participativo e reflexivo em suas atividades profissionais e sociais, relacionando-se socialmente com o mundo que o cerca.

De acordo com GARCIA, *apud* MACHADO; FERNANDES; OLIVEIRA (2014), a educação do campo, direcionada à população camponesa, realiza-se sob diferentes iniciativas: por meio da educação formal, que se refere à escolarização da referida população nos diferentes níveis de ensino (básico a superior), organizada pela rede pública, privada ou comunitária, e por meio da educação que parte da iniciativa de movimentos sociais, ONGs, pastorais, instituições de assistência técnica e de pesquisa, entre outras entidades da sociedade civil.

Dentro desse contexto, conforme FERNANDES, *apud* SOUZA (2006 p. 16): *“A Educação do Campo nasceu em contraposição à Educação Rural. O que a Educação Rural não fez durante quase um século, a Educação do Campo fez em uma década.”*

Com a realização da I Conferência Nacional por uma Educação do Campo, no ano de 1998, sob a iniciativa de diversos segmentos sociais, a expressão campo passa a substituir o termo rural. Entende-se que, em tempos de modernização, com esta expressão “campo”, há uma abrangência maior de sociedades diversas que habitam as regiões do país que não se dizem urbanas.

A partir desse novo conceito, a diferença entre Escola Rural e Escola do Campo torna-se visível e necessária, pois até esse momento o modelo educacional vigente não as diferia: a educação rural era predominantemente vista como algo que atendia a uma classe da população que vivia num atraso tecnológico, subordinado, a serviço da população dos centros urbanos.

Com a implantação do conceito “educação do campo”, ocorre uma inclusão e consequente valorização das pessoas que habitam o meio rural, oferecendo-lhes oportunidade de participarem, por meio de suas experiências, de programas produtivos, atuando na sociedade de forma igualitária, estabelecendo uma relação harmoniosa entre produção, terra e seres humanos, com relações sociais democráticas e solidárias. Para ARROYO *et al*:

Esta visão do campo como espaço que tem suas particularidades e que é ao mesmo tempo um campo de possibilidades da relação dos seres humanos com a produção das condições de sua existência social, confere à Educação do Campo o papel de fomentar reflexões sobre um novo projeto de desenvolvimento e o papel do campo neste projeto. Também o papel de fortalecer a identidade e a autonomia das populações do campo e ajudar o povo brasileiro a compreender que não há uma hierarquia, mas uma complementaridade: cidade não vive sem campo que não vive sem cidade. (2005, p. 15)

Para os autores não basta criar propostas educacionais que atendam exclusivamente à população do campo, sem que haja a preocupação de prescrever suas características históricas e culturais; é preciso, sim, formular políticas públicas que atendam ao povo do campo de forma diferenciada no âmbito educacional, sem que esse sofra mudanças comportamentais e precise acompanhar a visão urbana necessária, porém não exclusiva.

Nesse mesmo contexto, FERNANDES, CERIOLI e CALDART (2005, p. 27), dizem que *“não basta ter escolas no campo; queremos ajudar a construir escolas do campo, ou seja, escolas com um projeto político-pedagógico vinculado às causas, aos desafios, aos sonhos, à história e à cultura do povo trabalhador do campo.”*

A educação do campo está intimamente ligada à pedagogia do trabalho e da cultura, que precisa ser usada na construção do projeto político-pedagógico das escolas inseridas nesse meio, o qual, por sua vez, venha a valorizar o trabalho como princípio educativo. Por esse caminho, também por meio das relações culturais, a educação do campo busca compreender a diversidade de aspectos que constituem a memória coletiva de determinada sociedade, relacionando-a com o processo de ensino e aprendizagem, dando especial atenção à cultura. FERNANDES, CERIOLI e CALDART, consideram que:

Nosso propósito é conceber uma educação básica do campo, voltada aos interesses e ao desenvolvimento sociocultural e econômico dos povos que habitam e trabalham no campo, atendendo às suas diferenças históricas e culturais. Para que vivam com dignidade e que, organizados, resistam contra a expulsão e a expropriação. (2005, p. 27)

O veículo propagador da educação do campo adquire múltiplas faces ao analisarmos sua atuação; os saberes são constituídos desde o ambiente familiar, da convivência social, até movimentos sociais que abrangem uma gama de saberes diferenciados, fugindo ou diferenciando-se, assim, do ensino tradicional, que predominantemente acontece apenas nas salas de aula.

Diante das diversas maneiras de se educar, a cultura destaca-se nesse processo e desenvolve, por meio da educação do campo, valores pedagógicos, os quais são construídos a partir da própria cultura do sujeito. Essa construção visa à elaboração de Projetos Político-Pedagógicos nas escolas do campo que valorizem a realidade social, articulando trabalho, saúde e desenvolvimento, os quais devem ser

inseridos nos programas curriculares a fim de que a escola do campo possa realmente cumprir um papel diferenciado da antiga visão sobre esse segmento.

Nessa perspectiva, é que precisamos nos envolver como educadores e resgatar, por meio da luta pela qualidade da educação do campo, juntamente com nossa comunidade escolar, uma proposta pedagógica que venha ao encontro dos anseios descritos até então.

A proposta pedagógica para uma educação do campo se constrói a partir das mais diversas reflexões realizadas nas práticas educacionais desenvolvidas no campo e/ou pelos sujeitos do campo. São reflexões que procuram reconhecer o campo como local que não apenas traduz, mas também produz uma pedagogia, direcionada à formação dos sujeitos do campo. Por isso, conforme CALDART (2004, p. 155), “[...] *não há como verdadeiramente educar os sujeitos do campo sem transformar as circunstâncias sociais desumanizantes e sem prepará-los para ser os sujeitos dessas transformações.*” Cabe à comunidade escolar do campo organizar-se para a construção de uma proposta pedagógica que contemple suas utopias, na busca de seus direitos de cidadãos igualitários, valorizados em sua diversidade histórica e cultural.

A pedagogia da escola do campo deve inserir, no seu cotidiano escolar e no processo de ensino e aprendizagem, a educação popular, valorizando, assim, os sujeitos que a ela pertencem. Os currículos escolares precisam adequar-se ao movimento da realidade que os cerca. Por isso, a princípio, deve-se retirar o conceito de que a escola é mera transmissora de conhecimentos teóricos, já que é um espaço, por excelência, de formação humana. Num segundo momento, refletir sobre a existência do reducionismo de tendência pedagógica em ter a escola como simples espaço de memorização e de informação. Posteriormente, exigir que o currículo de uma escola do campo contemple as relações com o trabalho na terra e trabalhar o vínculo entre educação e cultura, sendo a escola um espaço de desenvolvimento cultural de toda a comunidade.

2.2 A EDUCAÇÃO DO CAMPO E PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA

O homem do campo tem uma raiz cultural própria, um jeito de viver e de trabalhar distinto do mundo urbano. Tem maneiras diferentes de ver e de se relacionar com a natureza e seus fenômenos. Porém, as novas gerações estão sendo deseducadas para viver no campo, perdendo as raízes de sua identidade, sem projetos para o futuro.

Para reconhecer o novo perfil do homem do campo, com seu olhar diferente e sua forma especial de sentir, compreender o seu viver e o seu atuar, é necessário garantir uma educação voltada para o campo. Mas, isso só é possível por meio de um processo educativo que permita afirmar sua identidade, suas tradições e culturas.

É com esse intuito que surge a Pedagogia da Alternância, uma educação voltada para o meio rural, que valoriza o saber e a realidade vivenciada pelo indivíduo, de forma que os seus conhecimentos adquiridos na instituição de ensino são aplicados no seu dia-a-dia.

Sendo assim, há uma constante troca de saberes entre alunos e monitores, formando um conjunto atuante no contínuo aprendizado entre escola, família e comunidade. Neste âmbito, as escolas tradicionais pouco valorizam os conhecimentos adquiridos no cotidiano de cada educando. E como não é possível que esta atenda a todas as realidades, o indivíduo da zona rural que frequentam tal instituição, perde suas raízes, sendo desvinculado de suas origens e influenciados a afastar-se da mesma.

De acordo com MOREIRA (2000), a primeira experiência educacional em alternância emergiu na França em 1935, Maisons Familiales, a partir das ideias do Padre Abbé Granerau que reuniu-se com agricultores de Serignac Peboudou, província de Lauzuan, iniciou discussões acerca de uma educação que não incentivasse ao êxodo rural, que valorizasse a identidade dos camponeses e não desvinculasse o jovem de seu meio. Nessa época, havia grande incentivo à criação de novas cidades e, portanto, ao êxodo rural, o conceito que se tinha de rural era como “fornecedores” de subsídios para o meio urbano, nesse cenário estava explícita a necessidade de difundir uma educação que buscasse resgatar a identidade sócio-cultural do camponês tendo em vista redimensionar o campo na perspectiva da modernidade. Essa perspectiva é reafirmada por SILVA, veja:

A Alternância surgiu como o meio de unificar momentos binários para tentar explicá-la, sejam eles escola e trabalho, teoria e prática, formação e emprego, escolarização e formação criados pela ciência moderna. Por isso, pode-se entender a Alternância como uma interação entre diferentes modelos de atividades em que teoria e prática são indissociáveis à construção de conhecimentos humanos, sociais, práticos, religiosos, dentre outros necessários à formação integral dos jovens. (2000, p. 15).

A pedagogia da Alternância, em sua práxis pretende-se uma educação libertadora. Isso ocorre, entre outros momentos, quando o instrumento “diálogo” é intencionalmente utilizado para a construção de novos conhecimentos, de uma nova realidade em que os educadores não são os detentores do saber, nele há um processo de investigação continuada compartilhando com o educando. Os Temas Geradores, segundo BATISTELA (2011), são o elo para a prática desse diálogo; são eles que irão conduzir de forma emancipatória o processo de construção de conhecimento dos educandos e das educandas, uma vez que é por meio dos temas que se inicia, a investigação da realidade e a ela retorna na busca da superação de situações de opressão.

Na década de 60 no Brasil, segundo SILVA (2000), foi marcada por uma grande influência militar; ora os intelectuais defendiam os interesses populares e não eram aceitos pela classe dominante e, conseqüentemente, eram depostos e exilados; ora defendiam os interesses burgueses e massacravam as classes populares. Paulo Freire, nesse contexto, optou por estar do lado dos “oprimidos” estudando “formas” para uma pedagogia de libertação e da esperança.

A Pedagogia da Alternância no Brasil surge na segunda metade da década de 60 no estado do Espírito Santo. O marco histórico é a constituição do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES), fundado em 1968 como entidade civil mantenedora das EFAs (Escolas Famílias Agrícolas). Uma organização filantrópica e sem fins lucrativos de inspiração Cristã. O MEPES surge liderado pelo padre jesuíta Humberto Pietrogrande, sacerdote de Anchieta - ES. Vale ressaltar, como afirma ARAÚJO:

(...) o processo de implantação das EFAs, no Brasil, teve início no auge da ditadura militar, período em que o campo sofreu um processo de total abandono por parte dos poderes públicos, excluindo a agricultura familiar. As políticas públicas para o campo, naquela época, estavam centradas na grande produção agropecuária, no modelo de agricultura patronal, voltado para monoculturas e o mercado externo, associado à sofisticação tecnológica, conhecida como modernização conservadora. (2005, p. 91).

Um diferencial da Pedagogia da Alternância praticada pelas EFAs no Brasil é a influência da Pedagogia Libertadora de Paulo Freire, a partir do tripé ação-reflexão-ação, da práxis. (ARAÚJO, 2005, p.112). Os educandos e educandas nesse movimento de ir e vir, de combinar o período de quinze dias na escola e quinze dias na família/comunidade possibilita pensar a prática e retornar a ela para transformá-la. O que FREIRE (1987, p. 122), chama de 'quefazer' é teoria e prática, é reflexão e ação. [...] isso porque *“ação e reflexão se dão simultaneamente”* (FREIRE, 1987, p.125). Esse movimento dos educandos e educandas implica em transformar a realidade em que estão inseridos.

CAPÍTULO III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o desenvolvimento desta pesquisa, elegeu-se como metodologia a técnica de pesquisa exploratória, descritiva e explicativa.

De acordo com GIL (2002 p, 41), uma pesquisa exploratória constitui a primeira etapa de uma investigação mais ampla. Quando o tema escolhido é bastante genérico, tornam-se necessários seu esclarecimento e delimitação o que exige revisão da literatura, discussão com especialistas e outros procedimentos. O pesquisador vai explorar o ambiente de estudo para obter-se melhor informação para a realização, elaboração e desenvolvimento do tema abordado, sendo assim o pesquisador desenvolverá a pesquisa em uma Escola do Campo no Município de Aripuanã - MT.

A escolha da referida Escola, se deu por ser uma Instituição que funciona em regime de alternância.

Descritiva, pois, busca expor o fato de forma a tornar clara a leitura do objeto investigado (GIL, 2002). Nesse sentido busca descrever a área de estudo para mostrar ao leitor a forma como foi elaborada a pesquisa, buscando descrever o fenômeno pesquisado.

Explicativa, pois tem por objetivo além de registrar e analisar os fenômenos estudados, busca identificar suas causas, seja através da aplicação do método experimental/matemático, seja através da interpretação possibilitada pelos métodos qualitativos. (GIL, 2002, p. 42).

3.1 TÉCNICAS PARA COLETA DE DADOS

Quanto aos meios utilizados optamos pela pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao pesquisador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar

diretamente. (GIL 2002, p.44). Neste sentido a pesquisa bibliográfica em nossa pesquisa, visa o detalhamento abordagem da educação do campo, práticas pedagógicas da educação do campo: alternância e neste contexto o papel do psicopedagogo.

Foi realizado também pesquisa de campo, que é investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou que dispõe de elemento para explicá-lo. Na pesquisa de campo, o pesquisador realiza a maior parte do trabalho pessoalmente, pois tende a utilizar muito mais técnica de observação do que de interrogação. (GIL, 2002, p. 52). Dessa forma a pesquisa será em uma Escola do Campo no Município de Aripuanã/MT.

CAPITULO IV

A EDUCAÇÃO DO CAMPO NA LOCALIDADE MILAGROSA

4.1 ESCOLA MUNICIPAL DEOCLIDES DE MACEDO

A Escola Municipal Deoclides de Macedo está localizada na Comunidade Milagrosa a 30 Km da sede Aripuanã. Criada pelo Decreto Municipal nº 088/90 de 03 de dezembro de 1990, oferece a Educação Básica nos níveis Educação Infantil – Pré Escolar II e o Ensino Fundamental do 1º ao 9º Ano.

A Escola optou por trabalhar com o Ciclo de Formação no Ensino Fundamental, que é composto por 03 (três) Ciclos, cada ciclo dividido em 03(três) fases de 200 dias letivos cada uma, perfazendo um total de 600 dias letivos, e objetiva ampliar o tempo marcado para a aprendizagem, permitindo a continuidade, flexibilidade e respeito aos ritmos individuais que o regime seriado dificulta.

Por ser a única escola na Comunidade Milagrosa, a Escola Deoclides de Macedo serve de sala anexa da Escola Estadual Dom Franco Dalla Valle e desta maneira oferece o Ensino Médio aos alunos que concluem o ensino fundamental e que residem na localidade.

A escola no ano de 2011, optou pela pedagogia da alternância tendo em vista que, o espaço físico não comportava a demanda de alunos, filhos de pequenos sítiantes que começaram a residir nas proximidades da escola devido ser área de assentamento.

Atualmente a escola atende aproximadamente 250 alunos em regime de alternância, possui 05 salas de aula, sendo que uma é dividida ao meio, dando espaço para mais uma sala, possui 02 banheiros com 04 sanitários cada, 01 cozinha, sala de direção, coordenação e de professores dividem o mesmo espaço, sala de informática, articulação e Sala de recursos multifuncionais também ocupam o mesmo espaço.

A equipe pedagógica é composta por um diretor, um professor na função de coordenador, seis professores, duas zeladoras, três vigias e uma cozinheira.

4.2 A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA NA ESCOLA MUNICIPAL DEOCLIDES DE MACEDO

Ao longo da história a escola assumiu diferentes papéis na formação do homem e da sociedade, de acordo com a realidade de cada época.

Apresentar as possibilidades de organização de uma escola nos princípios da pedagogia da alternância, não significa classificar ou comparar a forma como o processo de ensino-aprendizagem vem acontecendo, mas sim relatar e refletir a realidade local.

No ano de 2011 foi implantado a pedagogia da alternância na Escola Municipal Deoclides de Macedo com o objetivo de resolver o problema de espaço físico da escola e as enormes distâncias territoriais percorridas pelos alunos com o transporte escolar.

Segundo dados colhidos junto a atual gestão escolar e documentos da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Aripuanã, foi realizada uma reunião com todos os moradores da localidade para expor a real situação da escola e apresentar a nova metodologia para que a comunidade escolar analisassem e votassem a favor ou contra a mudança. Após a referida reunião foi decidido junto com a comunidade escolar (professores, pais e alunos), que a nova metodologia não teria os moldes das já existentes, ou seja, os alunos ficariam dias alternados na escola, ou seja, um dia na escola (7 horas) e um dia na escola, sendo que, estes teriam uma apostila com atividades complementares para serem desenvolvidas em casa para completar a carga horaria de horas estipuladas nas legislações.

Os dias alternados foi pensado com o intuito de não prejudicar a fonte de renda das famílias, uma vez que, os alunos ajudam seus familiares na manutenção do sítio, e para diminuir o tempo de permanência dos alunos no transporte escolar, uma vez que, por ser uma localidade de grande extensão rural, muitos alunos saem de casa 5 horas da madrugada e retornam por volta das 23 horas, ficando mais de 5 horas diárias dentro do transporte escolar.

As turmas foram organizadas levando em consideração a rota do transporte escolar, ou seja procurando trazer no mesmo dia todos os alunos da mesma rota. Elas ficaram assim constituídas:

Turma A composta por: 1 turma de educação infantil, 1 turma multiseriada (3º e 4º anos) e Ensino Médio. Aproximadamente 140 alunos.

Turma B composta por: 1 turma de 1º ano, 1 de 2º, 1 turma de 5º ano e séries finais (6º ao 9º anos). Aproximadamente 120 alunos.

Os dias alternados foram organizados da seguinte forma:

1ª Semana	
Segunda, Quarta e Sexta – feira	Turma A
Terça e Quinta-feira	Turma B
2ª Semana	
Segunda Quarta e Sexta – feira	Turma B
Terça e Quinta-feira	Turma A

Quadro 01 – dias alternados

Da forma que foram organizados em uma semana um grupo de alunos vai à escola dois dias e o outro três dias. Na semana seguinte o inverso, os que vieram dois dias vem três e os que vieram três vem dois dias. Conforme quadro acima.

Acompanhei durante uma semana a rotina desses alunos, a fim de compreender como se dá a pedagogia da alternância na Escola Deoclides de Macedo.

4.3 DIÁRIO DE BORDO – OBSERVAÇÃO DA ROTINA ESCOLAR

O transporte escolar chega por volta das 7 horas da manhã com os alunos. Os ônibus escolares foram chegando um a um, e as crianças iam entrando na escola de maneira eufórica, correndo. Muitos demonstravam alegria, outros cansaço, alguns foram direto para sala de aula, outros para o pátio. E assim foi dado início as atividades do dia.

As merendeiras já estavam com o café da manhã pronto esperando apenas o sinal bater. E quando este aconteceu às crianças entraram para suas salas de aula e retornaram com os professores para a primeira refeição do dia, uma vez que, o aluno que mora mais longe saiu de casa às 5 horas da manhã, segundo o motorista do ônibus escolar.

Neste dia foi servido cachorro quente e leite com chocolate, que segundo a cozinheira, sempre é servido pão com algum recheio, carne moída ou salsicha, pois o almoço é servido às 12 horas e os alunos precisam de um café da manhã bem reforçado para aguentar até o horário do almoço.

Após o café da manhã, os alunos retornaram para suas salas de aulas e os professores dão início as atividades do dia.

Neste primeiro dia de observação, as turmas que estavam sendo atendidas eram os alunos da Turma B (1º, 2º, 5º, 6º, 7º, 8º e 9º ano). Enquanto os professores ministravam suas aulas, dei uma volta pelo pátio para conhecer e identificar os espaços que seriam utilizados como áreas de lazer e atividades físicas dos alunos.

A escola tem um amplo pátio de área verde, com horta, árvores e gramas, uma quadra de areia e utilizam o campo de futebol da comunidade que fica do lado da escola.

Em conversa informal com o diretor da Escola, este relata que há o projeto da construção de uma quadra de esporte descoberta e quatro salas de aula, previsão para o segundo semestre do ano. Segundo ele, essa ampliação vai possibilitar dar um atendimento de qualidade aos alunos, uma vez que, por ficarem sete horas em sala de aula recebendo os conhecimentos científicos e, uma hora e meia de descanso (almoço) os alunos acabam ficando entediados por não terem acesso a mais espaço para realizar atividades recreativas e outras diferenciadas.

Segundo o Gestor, a escola não conta com um espaço adequado para o laboratório de informática, pois funciona junto a articulação, desta forma a utilização deste espaço é restrito há algumas poucas horas.

Continuando minha exploração do espaço escolar, percebi que a escola não disponibiliza de jogos e materiais esportivos em quantidade suficiente para proporcionar aos alunos momentos de descontração e lazer.

Em sala de aula o professor utiliza o livro didático e quando tem material proporciona atividades diferenciadas.

Após o período de quatro horas/aula, é servido o almoço. Professores e alunos se dirigem até a cozinha e recebem o prato já servido pelas cozinheiras. A escola não possui refeitório e por este motivo alguns alunos e professores utilizam

as poucas mesas do saguão de entrada da escola e outros retornam pra sala de aula para almoçarem.

O período compreendido entre o almoço 12:00 min e o retorno das atividades educativas 13:30 min, os professores aproveitam como podem essa uma hora e meia para descansar, enquanto os alunos preferem brincar ou apenas andar pelo pátio da escola.

Após o período de descanso, o retorno a sala de aula é motivo de descontentamento para muitos alunos, uma vez que, terão pela frente mais três horas de aulas teóricas, cumprindo dessa forma a carga horária exigida em lei. Os professores procuram trabalhar de forma diferenciada no período vespertino, pois os alunos já se encontram cansados. Eles realizam aulas de campo, atividades lúdicas, confecção de brinquedos e jogos pedagógicos, dentre outras atividades.

O dia de aula termina com o professor entregando as apostilas de atividades complementares para que os alunos levassem para casa, uma vez que, no dia seguinte, estes não virão para a escola.

Os ônibus escolares vão encostando e os alunos vão embarcando de acordo com a rota realizada por eles. Alguns professores também embarcam nos ônibus, outros em motocicletas, pois todos moram nas várias linhas que formam a comunidade.

Segundo o motorista de um dos ônibus escolar, a previsão de chegada desses alunos até suas casas é por volta das 21:00 horas, sendo que alguns desses alunos ainda precisam fazer um trajeto a pé de mais ou menos 2 quilômetros da estrada principal até sua residência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que acontece na sociedade tanto na área econômica, política, social, cultural, tecnológica, ética e moral interfere na educação e conseqüentemente na escola. Sendo que esta precisa considerar todas as práticas e as relações tanto diretas, indiretas e os problemas que delas surgem na comunidade escolar e local em que ela presta serviço e que decorrem dessas interferências.

As escolas existem para agir no mundo, na sociedade e na história, em que o seu papel se torna decisivo na vida das pessoas. A maior parte da nossa vida é passada dentro das escolas, e ela influencia, interfere, interage dentro dessa organização que chamamos de educação. Para muitas pessoas essa convivência escolar é prazerosa, mas para muitos é dolorosa, pois encontram dificuldade para aprender. Às vezes não são compreendidos, são rotulados e deixados para trás no processo da aprendizagem, mas o que muitas vezes eles necessitam é de um olhar diferente, alguém que perceba seus problemas, que deixe de lado os (pré) conceitos e os rótulos que lhes deram no decorrer da sua vida escolar.

Partindo dessa perspectiva de colaboração é que o psicopedagogo institucional atua, com as dificuldades nos níveis de aprender tanto do ensinante como do aprendente. Atuando nas condições de aprendizagem que ocorrem a nível externo e interno. A escola, tendo como suporte a intervenção psicopedagógica, pode oferecer novos ângulos e abordagens de trabalho, potencializando as capacidades dos alunos, elaborando estratégias de ensino em conjunto aos professores, oferecendo assim uma proposta interdisciplinar.

Logo, o psicopedagogo auxilia na identificação dos problemas no processo de aprender, lidando com as dificuldades de aprendizagem por meio de instrumentos e técnicas específicas, articulando nas várias áreas, buscando suporte para responder os sintomas e as queixas dos alunos e professores. Portanto, o trabalho do psicopedagogo torna-se mais real a possibilidade do acolhimento, da descoberta, das práticas, dos métodos, do entender-se e compreender-se como sujeito que pode e que tem direito de aprender, de adequar-se e ser inserido na escola de forma atuante, participativa em que a sua cidadania é respeitada.

Através da realização desta pesquisa pude perceber que a pedagogia da alternância desenvolvida na Escola Municipal Deoclides de Macedo, não traz as mesmas concepções, princípios e padrões adotados pelas Escolas Famílias Agrícolas. Nas EFAs os alunos permaneciam um período maior de tempo na escola e outro com a família colocando em prática o que aprenderam nos dias de escolarização, ou seja, as EFAs além dos conteúdos científicos desenvolviam práticas pedagógicas voltas ao cuidado da terra e desenvolvimento econômico destas famílias agricultoras.

De acordo com os documentos analisados, a pedagogia da alternância na Escola Deoclides, foi pensada com o intuito de resolver os problemas do transporte escolar dos alunos e a falta de espaço físico da escola frente a grande demanda de famílias que mudaram para a localidade milagrosa. A escola passa a atender em dias alternados, porém sua metodologia continua sendo de uma escola que funciona em regime regular.

Analisando o currículo dos dois primeiros anos de alternância, 2011 e 2012, percebemos que não houve a preocupação na época com a oferta de um currículo diferenciado que atendesse as especificidades da pedagogia da alternância. O currículo da Escola Deoclides, não possuía as características de uma escola do campo, ou seja, com disciplinas voltadas ao desenvolvimento da agricultura familiar, sustentabilidade, etc. e, nem se enquadrava como escola em regime de alternância, com carga horária e disciplinas diferenciadas que embasassem o fazer pedagógico, mas, tinha as características de uma escola urbana.

Diante deste fato, podemos concluir que, apenas foi mudado o “nome” da metodologia adotada pela escola, e a quantidade de dias que os alunos frequentariam a escola foram reduzidos, mas as práticas pedagógicas continuaram as mesmas. Atualmente o currículo a escola Deoclides sofreu uma pequena alteração, foi acrescentado uma aula de Ciências Agrárias em todas as fases de ensino, que ao nosso entender, ainda é insuficiente para uma escola em “regime de alternância”. A nova disciplina faz com que a escola Deoclides comece a se enquadrar nos moldes de uma escola do campo, porém, está longe de uma escola em regime alternado.

Outro fato que nos chamou a atenção, foi a falta de estrutura física adequada para atender o regime de alternância. A escola não possui refeitório para

as refeições, local de descanso com camas ou colchões, banheiros com chuveiro, espaço externo coberto para a prática de esporte, algumas salas são pequenas para a quantidade de alunos e principalmente a falta de material diferenciado para os momentos de lazer ou de descanso dos alunos.

Outro fato que nos chamou a atenção foi a sobrecarga de trabalho dos professores, pois estes ficam a semana toda na escola e ministram todas as disciplinas, tanto para os alunos que compõe a Turma A quanto para os alunos da Turma B (quadro 01).

A falta de material pedagógico diferenciado para o desenvolvimento das práticas pedagógicas, também nos chamou a atenção. Os professores procuram realizar atividades diferenciadas como: aula de campo, trabalho na horta escolar, tentando desta forma proporcionar momentos de aprendizagens significativas, uma vez que, a escola não disponibiliza de espaços que favoreçam as diferentes aprendizagens, como o uso da tecnologia, por exemplo, a escola não possui espaço físico adequado para a utilização do laboratório de informática que poderia ser um dos recursos a ser utilizados pelos professores e alunos, jogos pedagógicos diversificados em quantidade suficiente para suprir as necessidades dos alunos e professores.

Ao realizar esta pesquisa, pude perceber que o psicopedagogo possui papel fundamental na educação do campo, principalmente quando a escola funciona em regime de alternância, uma vez que, os alunos passam a maior parte do dia recebendo orientações educacionais na escola e este profissional seria de suma importância para detectar os problemas de aprendizagens, se estas estão relacionadas a problemas neurológicos ou estresse causado pelo cansaço físico e pela dupla jornada de aulas.

Podemos afirmar que a Pedagogia da Alternância adotada no Brasil tem contribuído efetivamente para melhoria da qualidade de vida dos egressos, suas famílias e a comunidade onde a mesma esta inserida, pois se trata de uma proposta democrática e participativa, cujo ponto forte é a metodologia dialógica presente entre os agentes envolvidos no processo, formando os indivíduos em um processo de emancipação através de uma proposta de educação integral, propiciando um conhecimento para a vida.

Através desta pesquisa conclui-se que, o regime de alternância adotado pela Escola Deoclides de Macedo está longe do ideal, mas que, a escola já deu o primeiro passo, ou seja, a comunidade aprovou a nova metodologia, basta apenas que a Gestão Escolar juntamente com a Gestão Municipal reorganizem o currículo, dando a escola uma nova “cara”, ou seja, que ela passe a funcionar nos moldes do regime de alternância. Outro ponto a ser considerado está relacionado a falta de espaço físico, professores e alunos precisam ter melhores condições de trabalho e aprendizagem, respectivamente. Banheiros com chuveiro, refeitório e sala de descanso/lazer, são imprescindíveis para dar mais conforto a esta clientela.

Acreditamos que a Escola Deoclides tem condições de se tornar uma escola de alternância de referência no município, desde que, a Gestão Municipal invista recursos, olhe para a escola como um lugar de diferentes aprendizagens e não apenas um lugar para se cumprir o que determina a lei, 200 dias letivos e 800 horas de carga horária. É necessário, entender esta metodologia como um elo importantíssimo de desenvolvimento dos moradores do campo, é necessário entender que os alunos precisam ser preparados para permanecer no campo, utilizando o conhecimento adquirido no desenvolvimento da economia familiar.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Sandra Regina Magalhães. **Escola para o trabalho, escola para a vida: o caso da escola família agrícola de Angical**. Salvador, 2005. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus I. Disponível em: <<http://www.ppgeduc.com>>. Acesso em 04 maio 2014.

ARROYO, Miguel Gonzáles; CALDART Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Orgs.). **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2005.

BATISTELA, Ailton Carlos. **Pedagogia da alternância: uma contraposição à teoria da modernização**. Curitiba, 2011. Tese de Doutorado. Pontífica Universidade Católica do Paraná.

BRASIL. **Projetos didáticos e sequências didáticas na educação do campo: a alfabetização e as diferentes áreas de conhecimento escolar**. Pacto Nacional pela Alfabetização na idade certa. Unidade 06. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional, 2012.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do movimento sem terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

FAGALI, Eloisa Quadros. **Psicopedagogia institucional aplicada: aprendizagem escolar dinâmica e construção na sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 2008.

FERMINO Fernandes Sisto. **Atuação psicopedagógica e aprendizagem escolar**. Petrópolis: Vozes, 1996.

FERNANDES, Bernardo Mançano; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete. **Referências para uma política nacional de educação do campo: caderno de subsídios**. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo, 2005.

FREIRE, Paulo. **A psicopedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências profissionais e profissão docente**. São Paulo: Cortes, 1990.

MONEREO Carles. **O assessoramento psicopedagógico: uma perspectiva profissional e construtivista**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

MOREIRA, F. **Formação e práxis dos professores em escolas comunitárias rurais** – por uma pedagogia da alternância. Vitória, 2000. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal do Espírito Santo.

SILVA, Luiza Helena. **As representações sociais da relação educativa escola-família no universo das experiências brasileiras de formação em alternância**. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP.

SOUZA, Maria Antônia. **Educação do campo**. Propostas e práticas pedagógicas do MST. Petrópolis: Vozes, 2006.

WEISS, Maria Lucia Lemme. **Psicopedagogia clínica**: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. Rio de Janeiro: DPEA, 1999.